

ALVES, Ângelo – *As Maravilhas de Deus na vida e no Apostolado de Sílvia Cardoso (1882-1950)*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2017, 109 p.

Mesmo após o seu falecimento, Monsenhor Ângelo Alves continua a iluminar-nos com o seu saber, desta vez através da publicação de uma obra póstuma sobre a sua conterrânea Sílvia Cardoso, essa andarilha de Deus, na feliz expressão do também de saudosa memória bispo do Porto, D. António Francisco dos Santos.

Como afirma o autor no Pórtico, o objetivo deste livro "é contribuir para a qualificação dos dons, graças e carismas, de todas as maravilhas de Deus, que exoneram a vida e a ação apostólica da Venerável Serva de Deus Sílvia Cardoso" (p. 5). E acrescenta o autor que "é um estudo de pendor mais descritivo e histórico", pretendendo verificar a existência dessas realidades espirituais "na vida e ação de Sílvia Cardoso e sugerir a sua qualificação teológica, em ordem à compreensão do que foi a sua missão na Igreja e no mundo" (p. 10).

A obra assume assim um carácter probatório perante a opinião pública, de certo modo paralelo e resumido, do que será o seu processo de canonização, em curso, e no qual o autor teve também intervenção de relevo. Daí que o autor conclua no fim do livro: "Esta breve resenha da atividade do Movimento Pró-Canonização de Sílvia Cardoso e da caminhada processual para a sua canonização e beatificação não tem por finalidade fazer história, mas reavivar a memória das maravilhas de Deus que aí se manifestam e são consequência e prova da sua fama de santidade entre o povo de Deus" (p. 108).

A totalidade do texto estrutura-se a partir de três capítulos: o primeiro, sobre o carisma distintivo de Sílvia Cardoso, através de testemunhas privilegiadas; o

segundo, sobre casos maravilhosos na sua vida e apostolado, entre os quais, múltiplas conversões, pressentimentos, profecias e ajudas providenciais; o terceiro, sobre a fama de santidade de Sílvia Cardoso e suas manifestações.

Duma forma sintética e rigorosa, como é seu timbre, e através de quadros detalhados e sugestivos, Ângelo Alves consegue transmitir-nos uma imagem muito próxima de Sílvia Cardoso, e sobretudo dar o justo relevo às profundas implicações e sentido de uma vida que se maior sentido teve foi o da união intensa e constante com Deus através do próximo, realizando uma *união de contemplação e ação*.

Assim sucedem-se descrições de episódios que testemunham o seu *zelo extraordinário pela salvação das almas*, o modo *enérgico e incansável* com que procedia à criação e direção de obras sociocaritativas por todo o País, a *elevação espiritual e ardor evangélico* que transmitia nos inúmeros retiros que organizou, a fé e confiança na Providência divina que tantas vezes a salvou de apuros na gestão financeira dessas mesmas obras, a intensidade e total abandono a Deus que colocava nos seus momentos de oração.

E tudo isto centrado numa "fé extraordinária e uma confiança ilimitada em Nosso Senhor" como testemunha a Irmã Maria da Assunção Henriques, uma religiosa franciscana hospitaleira da Imaculada Conceição que com ela quem privou.

Porque, em última análise, como a Venerável escreveu: "É só estender os braços,/ Deixar que o Senhor os pregue na Cruz, O resto vem depois: maravilhas,/ Só maravilhas" (Sílvia Cardoso, 1979, *Arquivo da Postulação*).

São todas essas maravilhas que fazem da vida de Sílvia Cardoso um *divino excesso* que muitas vezes deixava perplexos os que com ela conviviam. Narra Maria Augusta Vieira, cofundadora com Sílvia Cardoso da casa dos Rapazes em Barcelos: "Quantos casos extraordinários se poderiam contar! Lares reconstituídos, uniões ilícitas desfeitas, inimigos reconciliados, paixões dominadas! Quantos actos de audácia heróica! A rivalizar com a sua coragem, só a sua confiança incomensurável. Nunca um obstáculo a detinha, porque a certeza na ação providencial de Deus era para ela tão natural como respirar: fazia como que parte integrante da sua vida" (p. 94).

E esta faceta de *Maria* complementava-se com outra de *Marta*. Narra Virgínia Soares Guerra, governanta da Casa de Retiros da Quinta do Bosque (Amadora), que "De noite ia rezar [...] Ela todos os dias, se levantava para ir à capela. Só de noite ia para o coro e lá estava a rezar. [...] Expunha-se o Santíssimo muitas vezes [...] Quando estava de joelhos encostada, eu muitas vezes lembrava-me, estará a dormir? Não senhor, não estava; estava sempre acordada...Percebia-se que estava cheia de Deus, é verdade, é verdade" (pp. 76-77).

Neste sentido afirma com propriedade Ângelo Alves: "Em Sílvia Cardoso, a característica particular da união espiritual de contemplação e ação, de Marta e de Maria, aponta para o seu carisma específico – a mística da obra do Amor, ou mística da ação, que é o Amor de Deus em Obra de amor e ação das criaturas" (p. 14).

Terá sido esta elevação mística aliada a uma ação que se manifestou em múltiplas obras que terá induzido personalidades como Leonardo Coimbra ou Guerra

Junqueiro a verem nela "um anjo tutelar e se recomendarem às suas orações" (p. 6).

Este tangível *excesso de Deus* que revestia a sua pessoa e suas obras tornava-a por vezes quase paradoxal, difícil de enquadrar nas habituais categorias da lógica mundana e social. A sua ação e esfera de influência atravessava todas as categorias e estratos sociais, todos os recantos e enquadramentos ideológicos, indiferente a críticas e incompreensões e tendo como único objetivo: viver o Amor em Obra, tratando a todos misericordicamente.

Não espanta que em torno dela e do seu processo de canonização se criasse uma unanimidade que fazia convergir sensibilidades tão diversas, às vezes vivendo mesmo em tensão dentro da Igreja.

Sobre ela escreveu o cardeal Cerejeira: "Um altar espera D. Sílvia, uma das almas mais extraordinárias do século do nosso País. [...] Deus trabalhava nela, contando com o seu coração, cuja caridade não conhecia limites" e "Julgo que a sua beatificação e canonização seriam muito oportunas e de que se seguiriam grandes frutos espirituais [...]" (pp. 52-53).

Por sua vez, D. António Ferreira Gomes, no âmbito de uma homenagem prestada na cidade do Porto, afirmava: "Dona Sílvia foi para muitos um gesto indicador, um aceno de Deus [...] Que a lição da sua vida seja a lição deste dia de glorificação, e que a sua lição fique conosco" (p. 99).

O que aos olhos dos homens pode parecer paradoxal e contraditório torna-se simples aos olhos de Deus e desvanecese na vida e ação daqueles que d'Ele vivem em grande proximidade.

Foi esse o caso de Sílvia Cardoso, tal como é aqui mostrado também com simplicidade e mestria por Ângelo Alves.